

Construções discursivas do crime em *sites* de redes sociais: uma análise das postagens da página “Tudo 2” no Facebook

Discursive construction of crime on social network sites: An analysis of “Tudo 2” fanpage posts on Facebook

Rosana Vieira de Souza¹
Lucas dos Reis Diniz²

RESUMO

Este trabalho analisa as formações discursivas das imagens e textos produzidos pela página “Tudo 2” no Facebook, canal de comunicação mantido por discípulos e simpatizantes da facção criminosa brasileira Comando Vermelho (CV). A partir dos pressupostos da Teoria Fundamentada (TF) e da Análise do Discurso (AD), buscamos identificar de que maneira os discursos da página, ao ditarem normas de conduta comportamental, são influenciados pelos códigos morais e éticos instituídos pelo CV. A análise dos textos e imagens produzidos e disseminados pela referida página permitiu o entendimento de que os componentes explorados em manuais de conduta da organização são reapropriados nos discursos atuais, sustentando novas interpretações e interesses no contexto de visibilidade dos *sites* de redes sociais.

Palavras-chave: crime organizado, sites de redes sociais, Comando Vermelho, Análise do Discurso.

ABSTRACT

This paper analyzes the discursive formations of images and texts produced by the “Tudo 2” fanpage on Facebook, a communication channel maintained by disciples and supporters of a Brazilian criminal organization called Comando Vermelho (CV). Based on the assumptions of both Grounded Theory (GT) and Discourse Analysis (DA), we seek to identify to which extent the fanpage discourses, by dictating behavioral norms of conduct, are influenced by moral and ethical codes established by CV. The analysis of the texts and images produced and disseminated by the fanpage allowed us to understand that the components explored in manuals of organizational behavior are re-appropriated in the current discourses, supporting new interpretations and interests in the context of visibility of social network sites.

Keywords: organized crime, social network sites, Comando Vermelho, Discourse Analysis.

¹ Professor na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e na Feevale. Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: rovieira.unisinos@gmail.com

² Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: lucaspontodiniz@gmail.com

Introdução

Símbolo de “vitória”, “paz e amor”, os dedos indicador e médio se elevam em sinal de “V” e posam para a fotografia. Em outro contexto, no entanto, o “dois” desenhado no ar ganha dimensão ideológica no interior das favelas do Rio de Janeiro, quando o culto a comandantes criminosos é trocado por proteção e visibilidade. “Eu sou 2”, “Tá tudo 2”, “O 2 domina”, são formas de expressão do poder de uma das mais conhecidas facções criminosas do país – o Comando Vermelho (CV) –, por aqueles que, muitas vezes, têm compreensão apenas parcial de sua dimensão histórica. Seguidores do referido grupo criminoso aderem ao emblema como forma de catalogação, de rótulo, e estão presentes em *sites* de redes sociais na internet, como o Facebook, a despeito das regras de conduta explicitadas pela plataforma.

Ainda que o uso do Facebook pressuponha a adesão do usuário a um conjunto de normas e acordos prescritos pelo próprio serviço, o qual limita conteúdos considerados inapropriados, é possível encontrar, nesses espaços, discursos que estimulam práticas contraventoras e incitam a violência contra determinados grupos. Tais manifestações não são recentes, mas encontraram um novo *locus*, nos últimos anos, em razão da popularização da internet e das mídias sociais. Estas, por sua vez, ampliaram os modos de atuação do crime por meio da construção, com relativa facilidade, dos seus próprios canais de contato com as comunidades que ocupam.

Investigar os conteúdos produzidos e disseminados na internet por organizações criminosas encontra eco, no cenário atual, em práticas similares, amplamente difundidas em nível global³. Um olhar sobre modos transgressores de comunicação, livre de possíveis julgamentos, abre caminhos para a compreensão de como formas persuasivas de prática comunicacional, por vezes semelhantes àquelas utilizadas por corporações na oferta de produtos e serviços, são combinadas com o fim de atingir um público-alvo específico.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi o de compreender como são construídos os discursos da organização criminosa CV no *site* de rede social Facebook, a partir das estratégias de interlocução utilizadas pela página “Tudo 2”, mantida por discípulos da facção do Rio

de Janeiro. A partir de uma análise dos textos e imagens produzidos e disseminados na referida página, identificamos elementos próprios da constituição dos discursos e questionamos, ainda, até que ponto os códigos morais e éticos instituídos pelo CV nos primórdios de sua formação ainda orientam as novas gerações.

Para tanto, as escolhas teórico-metodológicas levaram em consideração os pressupostos da Teoria Fundamentada (TF) (Strauss e Corbin, 1990; Creswell, 2007), que descerra a possibilidade de utilização da Análise de Discurso (AD) (Fairclough, 2001) na averiguação das formações discursivas presentes nos conteúdos da página “Tudo 2”. Buscamos, assim, não determinar questões de pesquisa *a priori*, mas observar, a partir dos dados empíricos, um conjunto de temáticas emergentes.

Iniciamos o artigo com uma contextualização do Facebook como ferramenta de mídia, de relacionamento e disseminação de conceitos, estendendo-o como canal de divulgação ideológica. Na sequência, inserimos o crime organizado no contexto brasileiro com vistas à discussão das circunstâncias que culminaram com a formação do CV, seus objetivos, ações e direcionamentos. As concepções expressadas por estratégias de *marketing* de conteúdo guiam a delimitação do *corpus* de análise e das categorias de postagens. Uma análise sobre trechos retirados de postagens sustenta a solução do problema de estudo, esclarecido nas considerações finais deste artigo.

Redes sociais na internet e apropriações

Os caminhos trilhados pela sociedade contemporânea, em práticas de expressão e sociabilização, modificam-se consideravelmente com o estabelecimento do computador e da internet como mediadores e propagadores comunicacionais. Se, ainda na década de 1990, as interações ocorriam de forma unidirecional, motivadas pela estruturação de canais de comunicação, “a intensa velocidade de extensão e interconexão entre os nós informacionais da rede fez com que comunidades se formassem ao redor de nós estratégicos de interesses compartilhados” (Santaella e Lemos, 2010, p. 57).

³ Diversas organizações criminosas pelo mundo, como alguns cartéis mexicanos e extremistas na Síria, utilizam-se de *sites* de redes sociais como ferramenta de disseminação de conteúdo. Informações disponíveis em Cox (2014) e Roussinos (2014).

Atualmente, além da viabilidade de uma comunicação pluridimensional, impulsionada, produzida, editada e comentada por todos os lados, os meios digitais permitem interações entre usuários, criando laços e formando o que podem ser entendidas como “redes sociais” na internet. Como definiu Recuero (2009, p. 24), uma rede é “[...] uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Embora mediadas por mecanismos digitais, as redes sociais na internet contemplam relações interpessoais que se estabelecem em torno de interesses em comum. Sendo um conjunto de dois tipos de elementos indissociáveis (atores e conexões), as redes se constituem como estruturas sociais a partir das quais são identificados padrões de comportamentos passíveis de investigação.

Enquanto os atores podem ser representados pelos nós da teia social, as conexões se constituem como traços resultantes das interações entre eles. Segundo Recuero (2009, p. 29), “[...] a interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social”. Como matéria-prima das relações e laços sociais, as interações derivam das percepções de atores sobre o universo que os rodeia. No ciberespaço, no entanto, as interações podem ser dar de maneira síncrona, envolvendo o tempo real e o anseio por uma resposta imediata dos agentes, e de maneira assíncrona, na qual se considera um tempo prolongado de correspondência (Recuero, 2009).

Diferente de outras formas de comunicação mediada por computador, os *sites* ou plataformas de redes sociais se distinguem, principalmente, pelas possibilidades de manutenção e, consequentemente, de fortalecimento dos laços sociais estabelecidos fora do ambiente virtual.

Embora se constituam, comumente, como construtores de capital social dos atores, permitindo que estes aumentem, significativamente, suas conexões e conectividades (Recuero, 2005), para Boyd e Ellison (2007), *sites* de redes sociais permitem não somente a construção de relações, mas a exposição pública da rede social de cada ator. Faz sentido pensar que a visibilidade dos atores, a reputação (construída a partir da visibilidade do ator e informações sobre como é e o que pensa), a popularidade (posição do ator na rede social quantitativamente avaliada por meio de reputações boas e/ou ruins) e a autoridade (influência de um ator com relação à sua rede baseada em sua reputação sobre um dado tema), como destacou Recuero (2009), permaneçam como valores determinantes

para a compreensão dos modos de apropriação desses espaços pelos diversos usuários.

Esta expansão dos meios de comunicação que possibilita o contato entre os atores modifica, sobremaneira, o cenário comunicacional, o tempo e o espaço de relacionamento e, principalmente, a representatividade de cada indivíduo no processo conjunto. Como já reforçava McLuhan (1964), a expansão de nossos sentidos traduzida na evolução dos meios de comunicação resulta em uma remodelação do social. Os *sites* de redes sociais já se posicionam como mídias extensoras de nossas identidades e, por conseguinte, de nossas relações em grupo. O impacto causado pelo Facebook, atualmente, é um dos mais significativos.

A organização do crime no Facebook

[...] a sociedade precisa do estado de desequilíbrio para funcionar, do contrário, se tornaria estática, o que acontece com sistemas isolados. Assim, num cenário competitivo, a rede aparece também como terreno de batalha e como fator que proporciona o contínuo movimento às relações de equilíbrio entre as partes em disputa. Se nos morros disputa-se espaço físico à bala, na Internet travam-se disputas simbólicas pela conquista de corações e mentes (Paravidino, 2007, p. 2).

Segundo dados da ComScore⁴ de 2014 (Banks, 2014), 10% dos acessos à internet no mundo se concentram na América Latina. Destes, 40% tem origem no Brasil, o 5º país com maior número de visitas únicas na internet (com 68,1 milhões) e o 3º entre os países que passam mais tempo na rede mundial de computadores (com 126 milhões de minutos gastos). A categoria de *site* mais acessada no país é a de redes sociais, onde os brasileiros costumam permanecer, em média, 13 horas por mês, mais do que o dobro da média mundial e mais do que os mexicanos e os argentinos juntos (46,6 milhões de minutos por mês).

O Facebook é a rede social mais acessada, com 66,4 milhões de visitas únicas e 30,4 milhões de visitas diárias. Calcula-se que o *site* é responsável por 97,8% do

⁴ Empresa especializada na análise de dados digitais.

tempo gasto em redes sociais no Brasil, conforme dados do ComScore. Pesquisa recente da Reuters Institute (Newman e Levy, 2014) apontou, ainda, que o país está em primeiro lugar entre os que mais consomem notícias por meio do Facebook: 67% dos usuários de internet buscam informações por meio dessa rede, de acordo com a fonte.

Posicionado, conceitualmente, como um *site* de rede social onde é possível “[...] conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida”⁵, o Facebook disponibiliza um espaço virtual para a troca de informações e criação/reforço de laços sociais entre usuários. Seu funcionamento se dá, principalmente, por meio de perfis, criados por pessoas com suas informações pessoais, e comunidades, conjuntos formados por indivíduos com interesses em comum, tanto em páginas quanto em grupos. Além de sustentar laços sociais associativos, ao aproximar pessoas geograficamente distantes, explora laços aproximativos, ao atrair pessoas com gostos semelhantes. Suas conexões mais simétricas, no entanto, exigem reciprocidade entre os usuários, submetendo-os a aprovações prévias de “amizade”, diferente de redes como o Twitter, por exemplo.

O cenário das ações também é ampliado, tornando o Facebook um espaço público – a menos que se configure como uma rede privada – e fazendo valer os códigos de conduta da vida fora da tela.

Um projeto chamado “Open Empowerment Initiative”, realizado pela SecDev Foundation, organização de pesquisa canadense, revela que, na América Latina, o ciberespaço tem auxiliado a religar grupos e indivíduos envolvidos em temas como política, economia, ação social e governança. Cerca de 40% da população da região já conta com acesso à internet, sendo os jovens o público majoritário, com grandes ambições de mudar e melhorar suas vidas. O projeto aponta que os ambientes digitais, além de exacerbarem conflitos da vida real, constituem potenciais espaços para a apologia ao crime e para a ação de grupos criminosos. De acordo com o projeto, seria a ausência de uma legislação específica e de recursos adequados para a aplicação de punições o principal incentivador do crescimento da presença de cartéis, narcotraficantes e membros de gangues em *sites* de redes sociais. Estes costumam fazer propagandas de suas atividades e conduzem suas iniciativas de “relações públicas” como uma grande empresa em busca de poder e riqueza (Campos e Santos, 2004).

O caso dos “Caballeros Templarios”, cartel do tráfico mexicano, é emblemático na apropriação desses espaços digitais por grupos criminosos. A organização criminosa utilizava o Facebook para divulgar imagens de seus armamentos, drogas, carros de luxo e membros do grupo, arrebanhando mais de 10 mil fãs em sua página (fechada em 2013) (Cox, 2014). Além da alta capacidade de disseminação de conteúdo, os responsáveis por tais redes estão a par de técnicas de criptografia, para impedir o rastreamento das autoridades.

No campo jurídico, como aponta Silva (2003 *in* Maia, 2011), o conceito de crime organizado deve derivar de três requisitos: estrutural, dado por um número mínimo de integrantes; finalístico, rol de crimes a ser considerado como criminalidade organizada; e temporal, relacionado à permanência do vínculo associativo. Porém, ainda que existam múltiplos entendimentos que cercam a noção de crime organizado, ao analisarem movimentos criminosos ao redor do mundo, Campos e Santos (2004) elencam características em comum entre as organizações ligadas ao crime em nível global: a necessidade de legalizar o lucro obtido ilícitamente, o alto poder de corrupção, o alto poder de intimidação, as conexões locais e internacionais, a estrutura piramidal, a ocupação do lugar do Estado nas comunidades, a utilização de empresas de fachada e o alto grau de operacionalidade.

A noção de crime organizado, segundo Misse (2007), é composta por diversas variáveis. Mesmo englobando uma série de atores e redes que, de alguma maneira, infringem o Código Penal, esse conceito acaba, muitas vezes, de maneira enganosa, diferenciando as organizações criminais dos crimes convencionais individualizados, assim como distingue o tráfico de drogas da pirataria de materiais fonográficos. Silva (2003 *in* Maia, 2011) destaca que o conceito de crime organizado deve ser desvinculado do terrorismo, pelo fato de manter o lucro como finalidade. Outra compreensão, que desconsidera as redes de comercialização, é delimitada pelos efeitos causados pela violência derivada dos crimes.

Conforme aponta Pereira (2011), é unanimidade entre órgãos internacionais (como as Nações Unidas e o FBI) o entendimento do crime organizado como uma espécie de empresa capitalista, com estruturas hierárquicas bem delimitadas, redes de influência bastante consolidadas e retorno financeiro muito alto. As redes sociais relaciona-

⁵ Informação disponível em: <http://facebook.com.br>. Acesso em: 21/08/2014.

⁶ O projeto busca investigar como o ciberespaço está capacitando indivíduos e estabelecendo relações na América Latina e já encontrou diversas informações sobre como grupos criminosos estão atuando em meios digitais.

das ao universo criminal são capazes de interligar mercados legais e ilegais, ao explorar as “mercadorias políticas” por meio das propinas, extorsões e redes de proteção, e ao explorar ilegalmente mercadorias criminalizadas, como o jogo, a prostituição e as drogas (Misse, 2007).

Na história brasileira, a gênese e a constituição do crime organizado ainda representa matéria controversa. Ainda que exijam um grau de organização mínimo, já que necessitam coordenar os agentes operantes e as relações de troca com aqueles que os reprimem, é comum que as organizações criminosas não criem uma delimitação espacial, uma vez que “[...] percorrem complexamente todo o conjunto do tecido social, político e econômico” (Misse, 2007, p. 144). Tais aspectos levam a uma distinção bastante interessante entre os movimentos criminosos organizados no Brasil e no resto do mundo. Em países como os Estados Unidos, por exemplo, os componentes raciais e étnicos são decisivos para a formação de laços relacionais entre os delinquentes de uma associação. Já no contexto brasileiro, a consideração paira sobre o contexto da ação criminosa, as condições dos encarcerados, as condições socioeconômicas e os territórios metropolitanos (Adorno e Salla, 2007).

Nos primórdios do crime organizado voltado ao narcotráfico no Brasil, está o Comando Vermelho (CV), considerado grande influenciador no surgimento de outros grupos de mesmo tipo. Com origem nas instalações do Instituto Penal Cândido Mendes (presídio de Ilha Grande), no Rio de Janeiro, a facção toma forma ao final dos anos de 1970, a partir de uma combinação de presos políticos e presos comuns, e institui a frase “Paz, justiça e liberdade!” como lema (Amorim, 1994). Independentemente das especificações sobre seu surgimento, como aponta Maia (2011, p. 12), “[...] o Comando Vermelho enveredou por um processo de crescimento, atraindo cada vez mais adeptos”.

No início, os chefes do tráfico mantinham uma relação de respeito com os moradores do morro. Segundo Lima (1991), o CV era bem-vindo nas favelas, pois havia uma espécie de respeito do grupo à coletividade. Entre 1987 e 1994, os morros vivenciam um dos períodos mais violentos, marcado, sobretudo, pelo aumento da desconfiança entre lideranças e grupos, pelas lutas travadas dentro de um mesmo território e pelo crescimento da repressão policial (Misse, 2007). Para Misse (2007), a decadência do controle externo do CV e a segmentação dos territórios resultou em uma guerra constante entre os grupos criminosos – que persiste até os dias de hoje. Ainda que diversas tentativas de desarticulação tenham sido promovidas nos

últimos anos, o CV continua presente na vida cotidiana de uma geração que cresceu associando violência social a liberdade e símbolo de poder.

Atualmente, podemos identificar a presença da facção criminosa com grande força nos *sites* de redes sociais. Surgida em maio de 2014, a página do Facebook “Tudo 2” é utilizada por atores com interesses em comum que se perpetuam por meio de redes de associação. Essas redes com um núcleo de conexão mais forte e rodeado por relações que se fortalecem e se enfraquecem segundo as interações e laços de afetividade, constituem espaços destinados à divulgação de convicções, comportamentos e valores. Geralmente comandadas por um determinado usuário (ou um grupo deles), as comunicações em páginas desse tipo acontecem, em um primeiro momento, de maneira unidirecional e, em seguida, acabam por ganhar maiores proporções, com o auxílio dos usuários que a acompanham (Recuero, 2009).

Nesse sentido, o universo de investigação deste estudo toma forma através da apresentação da página “Tudo 2” no Facebook, canal de comunicação e divulgação de preceitos ideológicos, sociológicos e comportamentais de seguidores remanescentes da corrente do CV. Ao observar a mídia digital e dissecar suas identidades, características, ações e alcance, abrem-se caminhos para a formulação do problema de pesquisa e a identificação de categorias temáticas emergentes dos dados empíricos.

Delimitações teórico-metodológicas

Em busca de desvendar características, ideologias, motivações, interpretações e sentidos presentes na formação de discursos inseridos em um ambiente virtual específico, é fundamental considerar as trilhas teóricas (e também metodológicas) de uma disciplina como a AD. A investigação é baseada, em um primeiro plano, nos enunciados teórico-metodológicos da TF, através de suas ferramentas organizativas e suas assimilações sobre o posicionamento do pesquisador e liberdades de apuração. Partimos, assim, de uma questão fundamental indutiva para encontrar, nos dados empíricos, as definições para a constituição das interrogações de pesquisa.

Como resume Orlandi (2000, p. 15), a AD busca “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, cons-

titutivo do homem e da sua história”. A AD assume a mediação entre o homem e sua realidade como um discurso que constitui a base da existência humana e a possibilidade de transformação social, assim como busca compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos (Orlandi, 2000).

Fairclough (2001) traz uma conclusão bastante interessante sobre os processos analítico-discursivos, na medida em que, a partir dos pensamentos de Pêcheux e Foucault, destaca que o discurso é capaz de constituir os sujeitos e as relações sociais além de seus sistemas de conhecimento e crença. Como aponta Orlandi (2000), os sentidos derivados de um discurso são formados justamente pela relação entre as posições ideológicas postas em jogo. É segundo esse princípio que Pinto (1999, p. 17) percebe os discursos “[...] como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são parte constitutiva daquele contexto”.

Entende-se, assim, que formações discursivas estão relacionadas a conjuntos complexos de formações ideológicas, enquanto o interdiscurso, outro elemento constitutivo da AD, diz respeito à memória discursiva sobre a qual o sujeito não tem total controle. Relacionado às condições de produção do discurso, o interdiscurso é importante na AD, pois o que está sendo dito sofre interferência do que já foi dito, ainda que o sujeito não o faça conscientemente (Orlandi, 2000).

Nesse sentido, esta pesquisa considera os discursos como produtos culturais empíricos produzidos por eventos comunicacionais (publicações em uma rede social) e contempla tanto os materiais textuais quanto os imagéticos⁷, produzidos pelos administradores da página “Tudo 2” e divulgados em postagens na mesma.

A página “Tudo 2” conta com 3.239 fãs, sendo a maioria residentes da cidade do Rio de Janeiro e com faixa etária de 18 a 24 anos. Apesar das inúmeras manifestações feitas por meio de páginas e grupos intitulados “Tudo2”, além dos perfis e comunidades que se constituem como variações dessa frente (“Putaria Tudo 2” e “Tudo 2 Girls”, por exemplo), a referida página foi escolhida como objeto por representar de maneira mais explícita o pensamento desse grupo, devido ao alto número de postagens e interações dos fãs.

O presente trabalho compreende, como universo de pesquisa, as postagens realizadas na página “Tudo 2” entre os dias 20 de maio de 2014 (dia de inauguração da página) e 20 de outubro de 2014. Para a análise, consideramos, portanto, os primeiros cinco meses de existência da página, que somou 105 postagens no período, sendo 75 da categoria imagem (que inclui texto e imagem), 26 da categoria *status* (que inclui apenas texto), 2 da categoria *link* (que inclui direcionamento para outra página) e 2 da categoria vídeo (que inclui texto e material audiovisual). Considerando o número de postagens por categoria e, portanto, as principais linguagens de comunicação, além do problema que se busca desvendar, definimos, como *corpus* de pesquisa, 15 publicações da categoria imagem e nove publicações da categoria *status*.

Foram identificadas, assim, cinco categorias centrais de postagens, conforme as temáticas mais recorrentes observadas: (i) Postagens institucionais; (ii) Postagens sobre o inimigo; (iii) Postagens de estímulo interacional; (iv) Postagens culturais e comportamentais; (v) Postagens de entretenimento. Cada fragmento de análise (trechos textuais e imagéticos) foi entendido como uma Sequência Discursiva (SD)⁸, considerando as formações discursivas e ideológicas dos sujeitos a partir da AD. Os discursos foram, primeiramente, identificados em uma das categorias que emergiram da observação inicial da página e, posteriormente, analisados individualmente, considerando-se as teorias que versam sobre AD, comunicação e conversação em redes sociais e crime organizado.

O discurso criminoso nas postagens do “Tudo 2” no Facebook

O termo “Tudo 2” está enraizado na linguagem popular como uma gíria representativa para “Tudo OK”, “Tudo beleza”, “Tudo sob controle”. O uso do algarismo “2”, além de representar a letra “v” também demonstra a oposição ao maior arquirrival do grupo: o Terceiro Comando Puro, conhecido também pela gíria “Tudo 3”.

⁷ O termo “imagético”, aqui, contempla apenas fotografias e ilustrações, não considerando materiais audiovisuais (como vídeos) pelo baixíssimo número de produtos deste tipo na página.

⁸ É importante destacar que, para a AD, as sequências discursivas são trechos selecionados de um texto que mantêm uma relação direta com o problema de pesquisa e sua dissolução, fragmentos que exemplifiquem características marcantes de um determinado discurso (Orlandi, 2000). Neste trabalho, são identificadas pela sigla “SD”.

De acordo com o Facebook, esses espaços reservados a comunidades (do tipo “Causa ou Comunidade”), são “[...] páginas não oficiais sobre uma organização, celebridade ou assunto”⁹. Entretanto, a curta descrição “PAGINA OFICIAL TUDO 2 ↑↑↑”¹⁰, presente na página “Tudo 2”, coloca-se em oposição a tal premissa e demonstra a intencionalidade de poder e de comando das comunicações digitais nesse meio, como feitas por uma junta diretiva de uma organização formal. A primeira postagem realizada pela página indica que sua criação resultou de um processo de “invasão” virtual da página mantida pelo grupo anteriormente. A oração “Os alemão, derrubaram nossa outra pagina, mais nos voltou com tudo, Só quem fecha com nos vai curtir ! Td2 ! [SIC]”¹¹ aponta, inclusive, uma acusação de práticas de *hacking* por parte de inimigos da facção.

Em uma primeira observação, é possível notar que o canal busca ditar comportamentos que um seguidor do Tudo 2 (ou do CV) deve manter. Nenhum posicionamento político ou sociológico é explicitamente expressado, apenas “Curta, se não você é tal coisa!”, “Faça, se não acontece tal coisa com você!”. É possível que as frases imperativas, sem argumentação ou explicação, reflitam um posicionamento já instituído dentro das comunidades, numa relação de poder e submissão (daqueles que comandam sobre os

que são ordenados). Entre os administradores da página, usuários que produzem e publicam os conteúdos, podemos enumerar pelo menos três que se identificam ao longo das postagens: #ELICÊTJ, #POKETJ e #CLTJ. É possível notar, ainda, que a faixa etária também regula o conteúdo das postagens, geralmente com teor juvenil, ainda que os tratem de maneira violenta. As interações, advindas de perfis masculinos, na maioria, retratam uma cultura machista na qual o caráter sexual da mulher se impõe. É também comum o predomínio das postagens positivas sobre o grupo e negativas sobre os “inimigos”.

As manifestações ideológicas da página “Tudo 2” podem ser encontradas em quaisquer categorias delimitadas para a análise discursiva, mas, principalmente, naquela referente a conteúdos de caráter institucional (*Postagens institucionais*). Esse conteúdo produzido e publicado com o objetivo de construir a imagem da facção e de revelar sua identidade para o público que a acompanha é de extrema relevância para consolidação de um meio comunicacional que pretende disseminar o conceito de uma entidade, com ou sem fins financeiros. Por essa razão, privilegiamos, neste artigo, sequências que ilustram como a construção da identidade do grupo se concretiza por meio da divulgação de valores, crenças, modos de comportamento e publicização do domínio da facção (Figuras 1, 2 e 3).



Figura 1. SD1 – Lema do CV.¹²

Figure 1. SD1 – CV’s Motto.

Fonte: coleta de dados.

⁹ Tradução livre para a informação contida na página de ajuda do site Facebook (2014): “A community page is a page about an organization, celebrity or topic that it doesn’t officially represent”. Disponível em: <http://www.facebook.com/help/127563087384058/>. Acesso em: 10/10/2014.

¹⁰ Informação disponível na seção “Sobre” na página “Tudo 2”. Essa descrição refere-se ao propósito da página. Disponível em: <http://www.facebook.com/TUDO2OFC/info>. Acesso em: 10/10/2014.

¹¹ Texto presente na primeira postagem realizada pela página “Tudo 2”. Disponível em: <http://www.facebook.com/TUDO2OFC/photos/a.295089100650603.1073741828.295067667319413/295088837317296/>. Acesso em: 10/10/2014.

¹² Todas as imagens apresentadas foram coletadas da página do Facebook “Tudo 2”.



Figura 2. SD2 – Lista de comunidades dominadas.

Figure 2. SD2 – List of dominated favelas.

Fonte: coleta de dados.

A Figura 1 (SD1) apresenta, ainda que de forma resumida, o lema da facção. A famosa frase proferida pelos precursores do CV na década de 1970 ainda rege e determina suas ações, instituindo a ideia de que, acima de qualquer transgressão, está a busca pela justiça e proteção àqueles que, segundo o grupo, são desrespeitados pelas leis em vigor; a busca pela liberdade de viver em seu ambiente e de manifestar suas opiniões; e a busca pela paz, de manter seu cotidiano protegido das ações inimigas externas e contrárias.

É preciso considerar que tais aspirações devem ser concebidas em contextos geográficos, socioeconômicos e culturais bastante específicos. A realidade atual difere em diversos aspectos da realidade do surgimento da frase como lema do CV e, certamente, ganha um sentido próprio para cada indivíduo do grupo. Para os líderes de uma comunidade comandada pelo CV, sua busca pela pacificação, justiça e liberdade toma proporções diferenciadas em comparação a um morador dessa favela, na medida em que, apesar de possuir forte rede de proteção, armamento

e até poderes aquisitivos mais altos, as facções são alvo direto da polícia ou de seus inimigos. Para os moradores de tal comunidade, os quais vivem em meio aos conflitos, é necessário se posicionar (escolher uma facção para “respeitar”), a fim de garantir certos benefícios.

A necessidade de pertencimento é perceptível na Figura 2 (SD2). O discurso formula um enunciado de territorialização, ou seja, uma delimitação das comunidades/bairros a serem comandados pelo CV. Para os sujeitos que consomem tal conteúdo, a noção de fazer parte de um desses cenários tende a despertar, além da sensação de segurança, a afirmação de sua ideologia aliada ao crime. Para os sujeitos que produzem tal conteúdo (administradores da página “Tudo 2”), a confirmação da dominação sobre tantos locais, como os descritos na postagem, fortalece ainda mais o discurso de poder.

Já na Figura 3 (SD3), por exemplo, notamos uma releitura das normas prescritas no surgimento do CV como organização criminosa¹³. O texto descrito na imagem pode ser compreendido como uma apropriação de

¹³ Em diversas bibliografias acerca da facção do CV, além de meios não oficiais sobre a organização, é possível verificar a presença de códigos de conduta, entre eles “As dozes regras do bom bandido”, título dado pela polícia ao conjunto de normas formuladas pelos criadores do CV na década de 1970. William Lima (Professor), Antônio Lima (Antônio Branco) e Júlio Diegues (Portuguezinho), como presos fugitivos, organizam uma visão sobre o crime e formulam esse manual de comportamento para os bandidos em liberdade (Amorim, 1994). O código de ética vem sendo reinterpretado pelas novas gerações do CV, mas serão consideradas neste trabalho as premissas básicas presentes no conjunto de normas original.

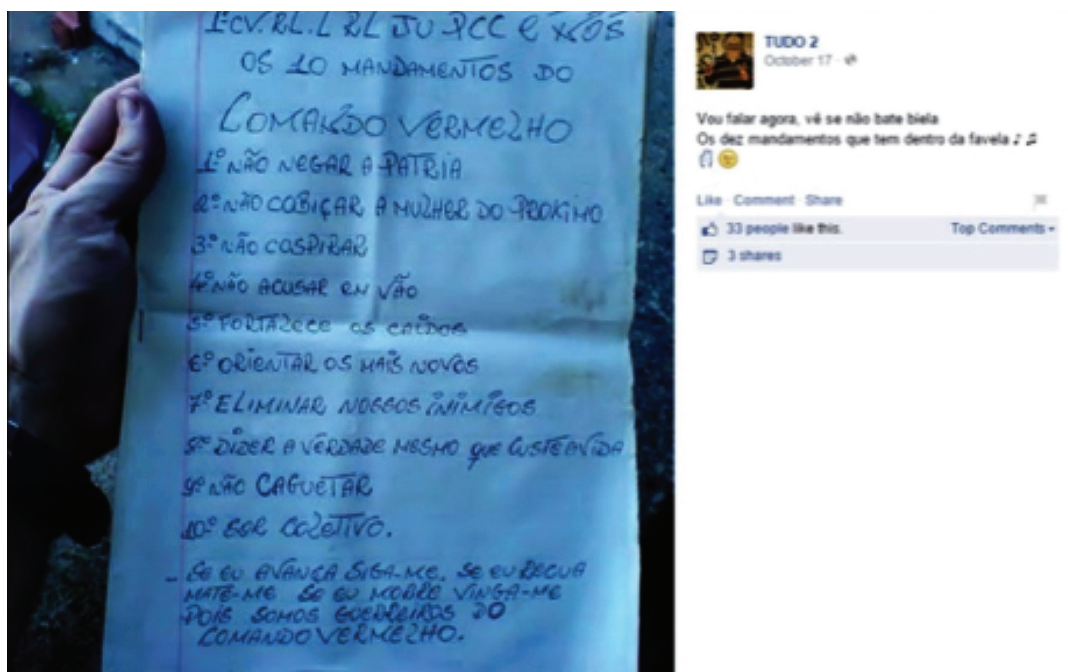


Figura 3. SD3 – Manuscrito dos códigos de conduta do CV.

Figure 3. SD3 – Manuscript of CV's codes of conduct.

Fonte: coleta de dados.

um conteúdo já instituído dentro do grupo. Uma possível estratégia foi pensada na produção do conteúdo, com o objetivo de transcrever as normas do CV em códigos mais instituídos no cotidiano dos usuários – e inclusive negar alguns pontos do código-base, por exemplo, adaptando-o às novas realidades. O fato de o texto estar escrito à mão, em uma folha simples de papel, e não digitado diretamente na rede social, tende a elevar a curiosidade do usuário, que, possivelmente, irá ampliar a imagem para realizar a leitura.

Tais características só poderiam emanar de pessoas habituadas ao cenário onde tais preceitos são aplicados, pois “[...] qualquer prática discursiva é definida por suas relações com outras e recorre a outras de forma complexa” (Fairclough, 2001, p. 81). Ainda conforme Fairclough (2001, p. 93), “a constituição discursiva não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”. Esses entendimentos verticalizados sobre os sentidos descritos pela página, ao formarem um interdiscurso, corroboram a força enunciativa de um novo discurso (ainda que este seja formado por outros diversos anteriores a ele). É a partir do entendimento prévio, consciente ou inconsciente, dos sujeitos que elaboram

um discurso e daqueles que o presenciam, que a força da produção de sentidos é determinada.

Mesmo que sabida a existência de enfrentamentos entre organizações ou empresas, que se posicionam como concorrentes em um universo geográfico, comportamental, mercadológico, político ou ideológico específico, as práticas de conduta em ambientes virtuais de comunicação (*sites* de redes sociais, por exemplo) advertem um cuidado bastante minucioso com relação a colocações contrárias promovidas por “adversários”, principalmente, pensando na preservação da imagem de uma entidade. No entanto, ao tratar-se de uma organização informal, organizada de maneira amadora por simpatizantes de uma filosofia ou preceito, o canal pode ganhar o posto de púlpito, onde é exposto todo e qualquer pensamento que contenha conteúdos considerados inapropriados pelas ferramentas digitais (textos e imagens de caráter pejorativo ou criminoso).

Com o intuito de delimitar grupos, classes ou indivíduos que atuam contra a corrente defendida pela organização, a página “Tudo 2” expõe, de maneira explícita, sua percepção sobre os “inimigos” (frequentemente, as forças policiais e a facção Terceiro Comando Puro) com a intenção de influenciar seus seguidores e compelir a atitudes criminosas (*Postagens sobre o inimigo*). Tais estratégias

incutem a ideia de sedução de seu público. Pinto (1999, p. 64) afere que seduzir, no cenário discursivo, consiste justamente “[...] em marcar as pessoas, coisas e acontecimentos referidos com valores positivos ou eufóricos e negativos ou disfóricos, e/ou, ainda, em demonstrar uma reação afetiva favorável ou desfavorável a eles”.

Os discursos negativos são manifestados por meio da utilização de gírias que ganham sentido aplicadas a um determinado contexto, como “alemão”, jargão utilizado para representar integrantes de facções opositoras de qualquer grupo criminoso, como ilustrado na Figura 4 (SD4).

Os sujeitos que discursam na página “Tudo 2” podem ser assumidos como os administradores do canal, já que, além de determinarem uma agenda de postagens, são responsáveis por criar conteúdo textual e imagético e atender a audiência, que se manifesta a partir de comentários em cada postagem. Essa posição garante um lugar de domínio de quem fala e a clara determinação de uma hierarquia no processo discursivo. Ao reforçar as inimizades já consolidadas pelo CV e delimitar novas, as postagens ressaltam o lado perverso de seus inimigos por meio de um discurso de ódio bem arranjado.

Podemos identificar, ainda, o que Recuero (2009) denomina interações mútuas (manifestadas através da troca de informações em postagens e nas respostas advindas do público) e que, conseqüentemente, irão formar laços dialógicos entre os participantes. Bakhtin (*in* Brandão, 2013, p. 32) entende que a linguagem possui justamente seu princípio básico no dialogismo, sendo a interação uma questão central desse processo, pois

[...] a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente a estrutura da enunciação. A situação dos participantes mais imediatos determina a forma e o estilo ocasionais da enunciação, os estados mais profundos de sua estrutura

são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor.

A afirmação de Pinto (1999, p. 63) sobre a interação dentro de um discurso também é certa: “a interação consiste em interpelar e estabelecer relações de poder com o receptor, na tentativa de cooptá-lo e de agir sobre ele ou sobre o mundo por seu intermédio”.

As *postagens de estímulo interacional* buscam instigar a intervenção dos simpatizantes da página por meio de comentários ou outros recursos indicados pela página. A manifestação dos usuários atua como instrumento de legitimação do *status* de domínio da facção, de modo que os posicionamentos emitidos nesses comentários confirmam e reforçam a veracidade do conteúdo postado pela página – influenciando, ainda, aqueles que não conhecem tal universo. As conexões dentro de uma rede social podem ser estimuladas tanto pelos laços gerados entre os usuários, quanto pela força advinda daqueles que a medeiam (levando em conta o âmbito das redes sociais na internet e da figura do administrador de uma página, por exemplo).

Ao observar a Figura 5 (SD5), por exemplo, percebemos um claro desejo de reforço da dominação ou preferência pelo CV por aqueles que acessam o canal digital. Mesmo sendo óbvio que o público que acessa a página simpatiza com as vertentes da facção (já que o “Tudo 2” está baseado nela), há a necessidade de fazê-lo se manifestar publicamente de forma favorável em relação à organização criminosa e, possivelmente, até mesmo instigá-lo a cometer uma contravenção.

A chamada da postagem está organizada de modo a estimular manifestações de apoio ao “Tudo 2” (através de um comentário) e a Deus (através da “curtida” na postagem) – pois, mesmo tratando-se de uma organização criminosa, os seguidores do CV proferem pronunciamen-



Figura 4. SD4 – Texto sobre o inimigo.

Figure 4. SD4 – Text about the enemy.

Fonte: coleta de dados.

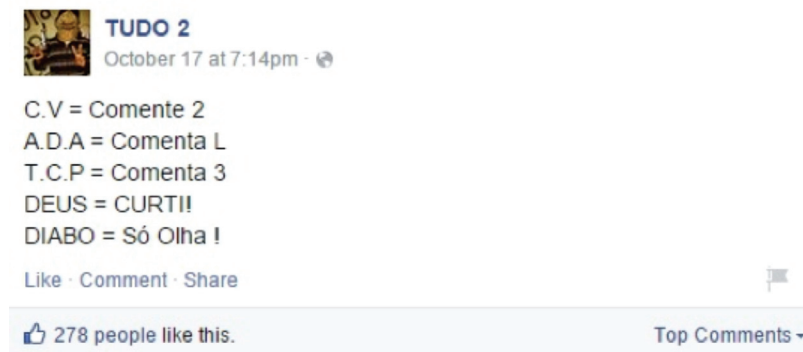


Figura 5. SD5 – Texto solicitando participação dos usuários.

Figure 5. SD5 – Text asking for users interaction.

Fonte: coleta de dados.

tos de cunho religioso. Os verbos imperativos utilizados no texto reforçam o discurso de dominação.

Uma análise geral verifica que o sujeito produtor de um discurso, neste caso, um grupo de administradores que geram conteúdo para uma página inserida em um universo virtual, depende completamente do sujeito consumidor desse discurso para garantir a efetividade dos sentidos (e neste caso, ainda, a eficácia de um discurso comunicacional direcionado a um público). Pinto (1999, p. 78) explicita bem essa questão ao dizer que “[...] o enunciador apresenta-se como detentor do saber e do poder, mas, conhecendo a fragilidade desta posição, pois sua sobrevivência depende do comportamento do destinatário, procura seduzi-lo”. Ainda,

As ideologias poderiam ser [...] representadas como esquemas mentais constitutivos do grupo, reunindo categorias como Pertencimento (“Quem pertence ao nosso grupo?”), “Como alguém pode ser admitido?”), Atividades (“O que nós fazemos?”), Metas (“Por que fazemos isso?”), Valores (“Como devemos fazer isso?”), Posição (“Onde estamos?”), “Qual é a nossa relação com os outros grupos?”) e Recursos (“O que nós temos e o que não temos?”) (Pinto, 1999, p. 51).

As *postagens de caráter cultural e comportamental* explicitam exatamente esses conceitos, seja por meio de trechos de música conhecidas pelas comunidades comandadas pelo CV, seja por meio de frases motivacio-

nais de estímulo aos usuários da página. Não raro, esses conteúdos dependem do interdiscurso, ou seja, de um contexto histórico familiar aos usuários da página para fins de interpretação e formação de sentidos. Ao enaltecer o orgulho de fazer parte de uma favela, a letra da música de um famoso grupo de *rap* serve como expressão de um valor elevado pelos integrantes da rede: ainda que o morador da comunidade venha a ampliar seu poder aquisitivo, deslocando-se de seu lugar de origem, os princípios de um indivíduo humilde, guerreiro e batalhador permanecem na formação do seu caráter (Figura 6, SD6).

Finalmente, as *postagens de entretenimento* encerram valores que norteiam o grupo, mas, com frequência, se chocam com as diretrizes do código ético do CV¹⁴, em especial, no que se refere à figura da mulher. A Figura 7 (SD7) ilustra explícita infração às normas do Facebook, como um *site* de redes sociais, e do direito e uso de imagem, para fins pejorativos e pornográficos. Nesse sentido, a mulher, representada como objeto sexual, prêmio ou sujeito submisso e passivo, está presente de forma constante nas postagens com fins “recreativos” na página do “Tudo 2”.

No caso da sequência discursiva ilustrada na Figura 7, a montagem agrupa uma série de fotografias de corpos femininos nus inseridos em um cenário de coleção (semelhante a um álbum de figurinhas). O símbolo no canto superior esquerdo revela o logotipo de um aplicativo móvel de comunicação em tempo real, sugerindo que tais registros vieram a partir dele, ou seja, em uma referência ao compartilhamento das imagens entre as mulheres e

¹⁴ Um dos pontos proferidos nas “Doze regras do bom bandido”, código estruturado nos primórdios do CV, é “respeitar mulher, crianças e indefesos, mas abrir mão desse respeito quando sua vida ou liberdade estiverem em jogo”.



Figura 6. SD6 – Citação de trecho de música.

Figure 6. SD6 – Quotation of a music excerpt.

Fonte: coleta de dados.



Figura 7. SD7 – Fotomontagem de nus femininos.

Figure 7. SD7 – Photomontage showing naked women.

Fonte: coleta de dados.

usuários da rede. Ainda que tenham sido feitas de maneira consentida, as produções de sentido advindas das fotografias ganham outra dimensão quando complementadas por adjetivos imputados pelos produtores enunciativos de tal discurso, que ainda questionam os sujeitos espectadores sobre uma atitude semelhante a ser tomada por eles.

Pinto (1999, p. 65) reflete que as conotações, no caso das imagens, “[...] são sugeridas por meio de técnicas de manipulação dos retratados e do cenário, enquadra-

mento, iluminação, profundidade do foco, utilização de recursos pós-fotográficos, como o retoque, além de recursos de edição”. Tais artifícios são, evidentemente, usados no discurso e acabam por determinar a interpretação dos valores expressivos por parte do receptor.

Ao explorar singularmente os discursos presentes nos conteúdos da página “Tudo 2”, percebe-se que os códigos de conduta instituídos pela facção criminosa, ao longo de sua trajetória como organização ligada ao crime,

ainda determinam os dizeres e os sentidos inseridos em conteúdos produzidos em um contexto temporal recente.

Considerações finais

Ao tomar, como cenário geográfico, as comunidades carentes do Rio de Janeiro comandadas pela organização criminosa CV e, como cenário comunicacional, a página do “Tudo 2” inserida em um *site* de redes sociais como o Facebook, assumiu-se como problematização a tentativa de compreensão da formação de discursos sobre o crime.

Além da influência histórica atribuída aos sujeitos que consomem e produzem tais discursos, foi preciso considerar também que as plataformas de comunicação digitais atuam como ferramentas de agrupamento. São, sobretudo, apresentadas como instrumentos de disseminação e propagação de conceitos. A apropriação desses dispositivos tanto por empresas consolidadas, quanto por entidades amadoras, toma proporções significativas na história da comunicação, principalmente por ditarem normas de conduta e métodos de transmissão de informação.

Os seguidores atuais do CV presentes em grupos como o “Tudo 2” realizam, acima de tudo, uma apropriação histórica, sociológica, ideológica, política e comportamental dos preceitos passados por gerações e remodelados por interesses ditados pelo tempo, pelas forças dominantes e pelas condições socioeconômicas. Essas apropriações de ideais transgressores delimitam seus discursos e suas condições de produção na medida em que, apesar de manter valores básicos do CV, estão sustentados em novas interpretações e interesses, disseminados por meio de um *site* de redes sociais.

A análise realizada permitiu o entendimento de que os componentes explorados em manuais de conduta da organização são reapropriados nos discursos atuais. Cada vez mais consolidado, o poder dos criminosos acaba por inverter certas lógicas de dominação e medo. Se o código original do CV previa um cuidado com as organizações policiais, que não deveriam ser subestimadas, hoje esse inimigo não mais intimida. Por outro lado, a possibilidade de monitoramento da oposição, ou mesmo a divulgação de retratos da mulher como objeto sexual, elevou ainda mais os conceitos proferidos no passado.

Ao propagar conteúdos com a finalidade de persuadir o público no apoio às práticas do CV, o “Tudo 2”

acaba por se apropriar de técnicas análogas, inclusive às de marketing de conteúdo voltado a ambientes digitais, ainda que não busque a ativação de venda. Como esclarece o grupo de pesquisa *Smart Insights* (Bosomworth, 2011), os passos para a compra de um produto ou serviço podem ser identificados como conhecimento, consideração e fechamento. No caso do “Tudo 2”, a “compra” pode ser percebida como a obtenção ou consolidação de uma ideologia. Logo, para alcançar este fim, a página se apropria de ações como a produção de textos, fotos, vídeos, comentários e opiniões de integrantes do grupo, disseminação de conteúdos produzidos pelos usuários, entre outros, com o objetivo de fornecer dados informativos para o usuário, fazê-lo refletir sobre tais dados e “comprar” o posicionamento do grupo.

Ainda que tais táticas não tenham sido pensadas, especificamente, para fins comunicacionais propagandísticos, os conteúdos textuais e imagéticos disseminados na página “Tudo 2” apresentam pontos de confluência com o mercado. Como uma organização cujo produto se apresenta por meio de conteúdos direcionados a um público específico, o “Tudo 2” aparenta uma preocupação em satisfazer a necessidade ou desejo de uma rede social e em possibilitar condições de troca (de opiniões, informações, comentários).

Um olhar atencioso sobre a comunicação que é realizada por e para membros de uma facção, moradores de uma comunidade carente e simpatizantes do crime, pode apresentar-se como um importante e significativo exercício no momento de concepção de novas estratégias de comunicar e persuadir, tanto para esse público em específico quanto para outros. As possibilidades de encerrar técnicas e artifícios comunicacionais produzidos em ambientes de interlocução amadora tende a transformar o uso de táticas tradicionais e arcaicas de comunicação publicitária – geralmente adaptadas a cenários, e não pensadas exclusivamente para esses.

Referências

- ADORNO, S.; SALLA, F. 2007. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. *Estudos Avançados*, 21(61):7-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a02v2161>. Acesso em: 25/08/2014.
- <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000300002>
- AMORIM, C. 1994. *Comando Vermelho: a história secreta do crime organizado*. Rio de Janeiro, Record, 573 p.

- BANKS, A. 2014. Brasil Digital Future in Focus 2014. Comscore Webinar. Disponível em: <http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations-and-Whitepapers/2014/2014-Brazil-Digital-Future-in-Focus-Webinar>. Acesso em: 15/08/2014.
- BOSOMWORTH, D. 2011. The Content Grid v2 [infographic]. Disponível em: <http://www.smartinsights.com/content-management/content-marketing-strategy/the-content-grid-v2-infographic/>. Acesso em: 03/10/2014.
- BOYD, D.M.; ELLISON, N.B. 2007. Social Network Sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1):210-230. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>. Acesso em: 05/03/2015.
- <http://dx.doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>
- BRANDÃO, H.N. 2013. Enunciação e construção do sentido. In: R. FIGARO (org.), *Comunicação e Análise do Discurso*. 1ª ed., São Paulo, Contexto, p. 19-44.
- CAMPOS, L.M.; SANTOS, N. 2004. O crime organizado e as prisões no Brasil. In: Encontro Nacional do CONPEDI, Manaus, 2004. *Anais...* Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/Anais/Lidiany%20Mendes%20Campos%20e%20Nivaldo%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 02/09/2014.
- COX, J. 2014. Os cartéis mexicanos adoram as redes sociais. *Vice*, 13 jan. Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/os-carteis-mexicanos-adoram-as-redes-sociais. Acesso em 24/08/2014.
- CRESWELL, J. 2007. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. 2ª ed., Thousand Oaks, Sage, 416 p.
- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília, Universidade de Brasília, 316 p.
- LIMA, W. da S. 1991. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*. Rio de Janeiro, Vozes, 108 p.
- MAIA, A.B. de M. 2011. A origem do crime organizado no Brasil: conceito e aspectos históricos. *Revista Acadêmica da ESMP*, ano III, n. 2, s.p. Disponível em: http://www.mpce.mp.br/esmp/publicacoes/edi12011_f/artigos/arianebastosdemendoncamaia.pdf. Acesso em: 02/09/2014.
- MCLUHAN, M. 1964. *Understanding media: the extensions of man*. Nova Iorque, McGraw-Hill, 392 p.
- MISSE, M. 2007. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. *Estudos Avançados*, 21(61):139-157. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a10v2161.pdf>. Acesso em: 25/08/2014.
- <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000300010>
- NEWMAN, N.; LEVY, D. (eds.). 2014. Reuters Institute Digital News Report 2014: tracking the future of news. Oxford, Reuters Institute for the Studies of Journalism, 96 p. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Reuters%20Institute%20Digital%20News%20Report%202014.pdf>. Acesso em: 15/04/2015.
- ORLANDI, E.P. 2000. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 2ª ed., Campinas, Pontes, 100 p.
- PARAVIDINO, F.V. 2007. A apologia à criminalidade nas comunidades do Orkut. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, XII, Minas Gerais, 2007. *Anais...* Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0340-1.pdf>. Acesso em: 25/08/2014.
- PEREIRA, E.G. 2011. O tráfico de drogas ilícitas: uma modalidade do crime organizado. *Revista Digital Espaço Acadêmico*, vol. 34, s.p. Disponível em: http://www.bibliotecapolicial.com.br/upload/documentos/O-TRAFICO-DE-DROGAS-E-O-CRIME-ORGANIZADO-21069_2011_8_7_51_24.pdf. Acesso em: 02/09/2014.
- PINTO, M.J. 1999. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo, Hacker Editores, 105 p.
- RECUERO, R. 2005. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs. In: Encontro da Compós, XIV, Rio de Janeiro, *Anais...* Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/recuerocompos.pdf>. Acesso em: 10/08/2013.
- RECUERO, R. 2009. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, Sulina, 206 p.
- ROUSSINOS, A. 2014. Selfies da Jihad: Os Extremistas Ingleses na Síria Amam As Redes Sociais. *Vice*, 9 jan. Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/selfies-da-jihad-extremistas-ingleses-na-siria-amam-redes-sociais. Acesso em: 10/10/2014.
- SANTAELLA, L.; LEMOS, R. 2010. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo, Paulus, 144 p.
- STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. 1990. *Basics of Qualitative Research*. London, Sage, 272 p.

Submetido: 23/05/2015

Aceito: 27/07/2015